

1

Compatriotas:

Não nos devemos esquecer da História. O nosso Povo está mergulhado no drama social, económico e de guerra com toda a sua série de miséria. Recordemo-nos deste facto: quando foram impostas as sanções económicas, preconizadas pela ONU, à então Rodésia de Ian Smith, houve um episódio interessante. A Zâmbia, depois de ter aplicado as sanções durante algum tempo, disse publicamente que iria reabrir as suas fronteiras com a Rodésia de Ian Smith e assim o fez. Porquê? O seu Povo iria morrer de fome, pois, as sanções estavam a afectar profundamente a economia nacional. Nós, que levámos as sanções até ao fim, não ganhamos sequer um crêdito da Comunidade Internacional, muito menos da Comunidade da Zona. Queremos com isto sublinhar que é chegado o momento de compreendermos a realidade existente na África Austral e no Mundo. É chegado o momento de sabermos distinguir bem os problemas internos dos problemas internacionais. Foi o que fez a Zâmbia, país nosso irmão. Podemos participar activamente na solução dos problemas internacionais, mas isto não deve impedir-nos de resolver os graves problemas internos que temos. É isto que faz a Zâmbia até hoje.

Somos e seremos sempre contra o "apartheid". Entretanto combater o apartheid não significa entregar ou vender o Poder Político aos brancos ou indianos, etc.

Os brancos, indianos e outros podem adquirir a nacionalidade Mocambicana, mas isto não lhes dá o direito de tomar o poder político no nosso País. Isto não é discriminação nenhuma. Eles não são discriminados. Passeiam em qualquer sítio. Têm condições e possibilidades de viver no nosso País. Mas o que não queremos é que eles tomem o poder político, governar este nosso país. Se eles têm essa ambição, então voltem para os seus países de origem onde legitimamente têm o direito de reivindicar e tomar o poder político.

Não tenhamos medo de um "apartheid" em Mocambique, senão desta ambição dos brancos e indianos de governarem o nosso País. A História mostra-nos que o Apartheid veio com a expansão e colonização europeias. São provas disto as ideias e guerras expansionistas de Hitler e a dominação branca e boer na África do Sul. Os Boers e brancos da África do Sul impuseram-se abertamente contra os pretos pelo apartheid. Criaram o apartheid. Não foram os pretos que o criaram. Concretamente, em Mocambique, não existe o apartheid, mas devemos estar atentos contra esse velho apartheid dos brancos e indianos, aparentemente muito revolucionários, porque querem governar e preparar assim um futuro Brasil aqui, em Mocambique.

Devemos reconhecer e realizar as legítimas aspirações do povo que continua a sofrer, permitindo-lhe exercer realmente o poder político que conquistou.

Quando afirmamos que o Poder Político deve estar nas mãos dos originários, isto não significa apartheid.

Vejamos alguns exemplos:

- Temos uma família bem constituída de pai, mãe e filhos. Acontece que o pai, por razões várias, traz uma outra criança de fora e adopta-a como filho. Chamaremos a esta criança de filho adoptivo. Aos outros filhos propriamente ditos, chamaremos de filhos legítimos. Se, por qualquer motivo, os pais desta família morrem, todos sabemos que quem toma a herança e a liderança de tudo quanto os pais deixaram, são os filhos legítimos. O adoptivo, em princípio, não tem direito à herança nem à liderança, muito embora possa continuar a gozar de várias regalias de que vinha gozando. Por esta imagem, podemos considerar como filho adoptivo, o mocambicano não originário e de nacionalidade adquirida, e o filho legítimo, o mocambicano originário (que não precisa de adquirir nem de requerer a nacionalidade para ser mocambicano. Portanto, a liderança política deste nosso País deve pertencer ao mocambicano originário. Será isto discriminação? Será isto apartheid?

- Outro exemplo: Um dia, passeavam pelas ruas de Lisboa um preto de Moçambique e um outro preto de Angola. Este nasceu em Portugal e ficou com a nacionalidade portuguesa. Ambos foram interpelados por um cidadão português originário que lhes perguntou de onde eram. O preto de Moçambique respondeu que era de Moçambique. O outro preto respondeu que era Português. Aquele cidadão português originário calou-se, incrédulo, e de novo perguntou de que país de origem era. De novo, o preto angolano respondeu que era de Portugal. Abertamente, o Português originário disse-lhe que não era possível. Perguntou-lhe de onde eram os pais e os seus avós. Aquele preto respondeu, então, que eram de Angola. O Português originário disse-lhe que ele era africano de Angola, o seu país era Angola e devia responder assim, que adquiriu a nacionalidade portuguesa.

Era já uma mentalidade a política portuguesa que fazia de Moçambique uma parcela de Portugal, uma província de Portugal. Aqui na província, a maioria era constituída de pretos. Entretanto nem sequer um preto podia participar ao Conselho de Ministro como Ministro. Durante os quinhentos anos de dominação, nenhum preto foi governador. Os governadores portugueses sabiam bem que colocar um preto como Ministro de Portugal, podiam sofrer uma reacção negativa das populações portuguesas. Um preto, em Portugal, pode ser um milionário com a nacionalidade portuguesa, etc.,

mas não pode ser colocado como um ministro ou governador de uma província, porque Portugal tem donos originários que são portugueses.

A própria História de Portugal mostra-nos como, várias vezes, o povo português lutou contra a dominação estrangeira. Recordemo-nos das batalhas dos Atoleiros em 1384, de Trancoso e aljubarrote em 1385 e de Valverde em 1411, contra as tentativas de dominação castelhana, apesar de D. Beatriz ser filha legítima de D. Fernando, mas o povo português nunca se esquecera que a regente D. Leonor, mãe de D. Beatriz e esposa de D. Fernando, era castelhana.

Hoje, assistimos ao problema malawiano. O povo Malawiano, muito justamente, rejeita a candidatura de John Tembo que, apesar de ter passado e dedicado toda a sua vida pelo Malawi, não pode ser sucessor legítimo do Dr. Banda, porque não é cidadão originário daquele País.

Isto significa que o poder tem de estar nas verdadeiras mãos do Povo. O Povo bate-se pelo seu poder. Não nos esqueçamos das observações da Reunião dos Antigos Combatentes na Beira em 1982, que debateu muitos problemas de legitimidade e autenticidade do poder e de quem deve estar no poder.

A Conferência Geral da Juventude Mocambicana falou do mesmo problema, perguntando por que outras raças não lutavam frente a frente, no combate. Foi também denunciada a discriminação que se verifica na Faculdade de Medicina. Falou-se muito, mas não houve sucessos.

Existem alguns mocambicanos originários, ganhos pelos mocambicanos não originários, que têm uma mentalidade que vai contra os verdadeiros interesses do povo. Esses mocambicanos já se esqueceram da aldeia e não se recordam de que os seus tios, avós, irmãos continuam a sofrer na aldeia, sem mínimas condições de vida. Em vez de lutarem pelos verdadeiros interesses do seu Povo, contribuem para espezinhá-los os seus irmãos, juntamente com os mocambicanos não originários. Esse tipo de mocambicanos são utilizados para serem agentes dos interesses dos mocambicanos não originários, isto é, os mocambicanos não originários sabem perfeitamente que o Povo nunca os aceitaria para serem dirigentes. Então, para serem aceites conseguem recrutar mocambicanos originários para seus agentes e lacaios. Esses criam uma mentalidade que vai contra e atraiçoa as reais aspirações do Povo Mocambicano. Assim, fica o Povo desamparado vivendo na miséria, quando os estrangeiros e os mocambicanos não originários vivem e comem bem, não lhes faltando nada.

Compatriotas:

Os problemas de governação do País, que estamos a viver, têm as suas

raízes no processo da Luta de Libertação Nacional. Antigos Combatentes, durante a luta armada, estávamos acima de tudo preocupados com a guerra. Fazíamos a guerra com a arma na mão, enfrentando dia e noite morte. Estávamos todos preocupados com a expulsão do colonialismo da nossa Terra. Assim fizemos e ganhámos a guerra justa. Durante esse processo tínhamos contacto directo com as nossa populações. Nós víamos o sofrimento e a miséria dos nossos irmãos, irmãs, pais, mães e avós. Cada um de nós prometia tirar o povo daquela miséria. Para isso a nossa única linguagem com o inimigo era a arma, o fusil. Ali, onde os colonos chamavam de mato, a nossa sensibilidade pelos problemas do Povo era profunda.

Veio a nossa querida Independência. Nós, antigos combatentes, ficamos satisfeitos por ver que o nosso primeiro objectivo tinha sido conseguido. Agora faltava-nos conseguir os nossos objectivos em relação às populações. Pensávamos que os nossos irmãos de luta, escolhidos para a governação do País, iriam com mais responsabilidade criar condições para tal.

Os anos foram decorrendo e os problemas foram surgindo a todos os níveis: político, militar, económico e social. Vimos que o País se aprofundava cada vez mais. Tentamos compreender o que se passava. Olhamos para o passado e para o presente e constatamos esta triste realidade: a Frelimo tinha sido infiltrada. Essa infiltração, para nós que tínhamos feito a guerra, noite e dia, surpreendeu-nos. Procuramos saber como tinha sido possível isso? A nossa admiração não cessava porque, quanto mais tempo decorria mais infiltração víamos no seio do nosso Poder político. Soubemos de outros irmãos que alguns dirigentes que tínhamos hoje na Frelimo, muitos deles tinham sido defensores do colonialismo, pertencendo a instituições como a Mocidade Portuguesa, etc. Tentamos falar, denunciar essas infiltrações, mas éramos logo chamados de pretos racistas, ignorantes, ultrapassados e ordinários. E quem nos dava esses nomes? Eram companheiros que apareceram na Frelimo como Camaradas de luta ou os infiltrados, após a Independência.

Compatriotas:

A experiência destes onze anos levou-nos à seguinte conclusão: os onze anos de experiência de governação dos destinos do País mostram-nos com maior evidência que não podemos continuar a confiar o poder político a pessoas que vivem como camaleão.

A morte de Sua Ex.cia o Presidente da República surpreendeu-nos muito. Ouvimos e lemos aquilo que outros Países e personalidades estrangeiras falaram e falam sobre as causas dessa morte. Na realidade, "as verdadeiras causas" ainda não foram divulgadas oficialmente pelo nosso País.

Todavia, gostaríamos de fazer ver o seguinte:

- a) Antes da morte de Sua Ex.cia o Presidente da República, soubemos que a Nacao tinha sido ameaçada pelos Sul-Africanos.
- b) Recebemos através do Ministro da Seguranca um comunicado em como os Sul-Africanos tinham infiltrado "Comandos" no nosso País.
- c) O nosso próprio Ministro da Seguranca apelou a toda a populacao para que agudizasse a vigilância a fim de se neutralizar toda e qualquer tentativa do inimigo.
- d) Poucos dias ante, "a AIM divulgou internacionalmente (no passado dia 15 de Outubro) um artigo em que dava a conhecer que o Presidente Samora Machel era um dos alvos da Hierarquia militar da Africa do Sul" (cfr. Noticias, 21/10/1986, pág.5).

Face a estas recomendacoes do nosso Ministro de Seguranca, ficamos de "boca aberta", espantados, ao sabermos que a aeronave que transportava Sua Ex.cia o Presidente da República nao tinha a tal "seguranca aguda" de que, dias antes da morte, falara o Ministro da Seguranca. Nao teria sido também agudizar a vigilância, por parte do nosso Ministro de Seguranca, se ele tivesse ordenado organizar a escolta da aeronave presidencial durante o percurso de ida, de Maputo até à fronteira com a Zambia, e de volta, da fronteira da Zambia até ao aeroporto de Mavalane? Isto nao facilitaria a nossa actuacao, socorro e localizacao da aeronave, seja qual fosse o motivo do embate da aeronave no solo? também sabe-se que uma boa escolta do aviao nao permitiria que o aviao fosse abatido, caso fosse esta a razao da queda do aviao para além da escolta nao o permitir, os sul-africanos nao tentariam abater ou desviar a rota do aviao, porque a escolta iria denunciar isso, pondo a Africa do Sul em dificuldade. O que significou esta falta de "seguranca aguda", por parte do nosso Ministro de Seguranca? Onde ficou essa tal "vigilância aguda"? O Ministro, na qualidade de instância máxima para a seguranca do Presidente, como se teria esquecido da tal "vigilância aguda"? O que significa isso? Desleixo? Irresponsabilidade? Falta de competência? Ignorância?

E sobre estes problemas de que estamos a falar. E isto que nos faz dizer que houve companheiros que entraram para a Frelimo, em relacao aos quais tinhamos e temos dificuldades e dúvidas, mas tentamos de compreendê-los sempre. Agora estamos cansados e basta!

Compatriotas:

Analisemos; mais uma vez e friamente, o problema da Guerra. Nós somos um País que tem poucos anos de idade, mas julgamos que podemos perceber facilmente o que, hoje, se passa no Mundo. No caso concreto da guerra que

estamos a suportar, poderíamos tentar compreender.

Não países, neste mundo, que fabricam coisas muito para o bem-estar e a felicidade das pessoas. Por exemplo, existe o fabrico e o comércio de automóveis, combis, tractores, aviões, arroz, manteiga, queijo, mel, farinha, bicicletas, camiões, etc. Temos estes artigos que servem para o bem-estar e a felicidade das pessoas. Nós, mocambicanos, compramos ao estrangeiro muitas destas coisas. O problema de transportes públicos é resolvido comercializando com o estrangeiro outros produtos internos.

Mas existe outro tipo de comércio muito generalizado no mundo, mas pouco compreendido pelas pessoas e pelos povos.

Queiramos ou não, Compatriotas, temos que saber e ter uma consciência de que esse comércio existe. É o comércio que não pode ser visto por todos. É delicado e sofisticado. Para se fazer este comércio, os países detentores de arsenais de armas, têm que ter mercados, isto é, lugares onde possam vender essas armas. Os clientes, em geral, são Estados-nações ou Movimentos de luta. Para um Estado ou Movimento se dedicar ao comércio de armas, tem que ter razões profundas. Hoje, encontramos guerras que se justificam de várias maneiras: luta contra o colonialismo, contra o neocolonialismo, luta contra o apartheid, contra o terrorismo, luta contra a expansão comunista, contra o capitalismo e o imperialismo, luta a favor duma religião em detrimento de uma outra, guerras motivadas por ideologias contrárias, etc.

Por isso, se analisarmos as guerras que existem neste planeta, veremos que em cada uma delas aparecem razões de sua existência, como as supracitadas.

Vejamos a nossa guerra. Uns dizem tratar-se de uma luta contra os bandidos armados. Outros, que é uma luta contra o expansionismo comunista no mundo. Na verdade é que, no campo de batalha, encontramos-nos frente a frente, nós os mocambicanos. Estamos a lutar entre nós. Estamos a matar-nos a nós próprios. Estamos a dizimar povoações inteiras. Tudo isto para quê?

De facto, os que têm armas para vender, devem procurar compradores. Mas como se trata de comércio delicado, é necessário procurar ou criar mercados para o comércio de armas. Isto é bastante triste, Compatriotas, mas é a realidade.

Os que possuem o monopólio da venda de armas, não podem cruzar os braços, enquanto essas armas não saem.

Nós, neste momento, constituímos um bom mercado para a saída de armas, porque temos uma guerra interna. Os fornecedores de armas sabem perfeitamente que, para este nosso conflito, quanto mais tempo levar o conflito, mais comércio se faz. Sendo assim, pouco interesse têm de ver o con-

flito solucionado de forma pacífica. Pelo contrário, alimentam o conflito. Sob a capa de nos ajudar a combater o "inimigo", vão-nos retirando as riquezas para, quando as não tivermos, abandonarnos e, nessa altura, eles farão acabar esta guerra, porque já não terão interesses económicos. Esta é a outra faceta da guerra. Esta guerra está empobrecendo o nosso País. Não nos enganemos mais! Enquanto não conseguirmos resolver pacificamente os nossos problemas internos, -- e só podemos ser nós a resolvê-los estaremos sujeitos a ser clientes dos detentores de arsenais de armamento. Seremos divididos em duas equipas: cada uma com o seu treinador, que é, neste caso, o treinador-fornecedor de armas. Seja quem ele for. O nosso Povo estará a assistir e a suportar este jogo de vida ou morte! Estaremos a ser tratados como bonecas.

Nós, mocambicanos, temos que ter a coragem suficiente para resolvermos os nossos problemas internos e não devemos permitir que estrangeiro nos ponha em guerra seja para lutar contra o expansionismo comunista ou para lutar contra o capitalismo e imperialismo. Quem tira as vantagens e lucro da guerra são os que dela precisam para comercializar armas. Por conseguinte, a esses a guerra é-lhes vantajosa. Nós não temos armas para comercializar. Nós só ficamos com a morte e a miséria. Para o actual conflito interno que temos, devemos procurar e eliminar totalmente ingerências externas. Se o nosso conflito é alimentado por ideologia no nosso País, devemos saber que é chegado o momento de sermos adultos e não permitir que sejamos bonecas animadas.

Conclusões:

Para finalizar, gostaríamos de fazer um apelo aos nossos Dirigentes sobre este documento: que ele é apenas uma nossa opinião. Estamos convencidos de que esta nossa maneira sincera de ver o problema enquadra-se na tradição valerosa da Frelimo de crítica e auto-crítica.